

Alunos favelados propõem em Brasília discutir sexo

Tânia Fusco

Brasília — O que é uma moça direita? Esta indagação foi o mote que alunos de 5ª à 7ª series do Colégio 01 da Vila Paranoá (uma favela do Lago Norte) encontraram para propor à escola e à comunidade uma "discussão sincera" sobre a complicada questão da sexualidade. Ganharam a parada. A partir de amanhã, um grupo de médicos e professores da Fundação Educacional do DF e do Ministério da Saúde começa a desenvolver com professores da escola um programa especial de trabalho para discutir a sexualidade com os alunos.

O mesmo grupo desenvolve trabalho semelhante com estudantes do curso supletivo da Escola Classe 10, do Gama (cidade satélite). Usando técnicas que vão da modelagem ao psicodrama, com uma turma variando de 16 a 40 anos, a questão sexual está sendo discutida com a mesma naturalidade das aulas de história ou geografia, por exemplo, segundo o médico Everardo Carvalho, um dos coordenadores do grupo.

No Paranoá o vídeo-teipe foi o caminho que os adolescentes encontraram para discutir na escola todas as questões do seu cotidiano. Desde junho esta escola de 3 mil alunos trabalha com vídeo-teipe, operado pelos próprios estudantes, num projeto pioneiro na história da educação pública no Brasil. Nas aulas de educação artística, as turmas de 3ª à 7ª série são animadas por um programa de auditório, sempre gravado em VT, com todos os ingredientes do gênero: júri, gincanas, matérias jornalísticas (reportagens feitas pelos alunos na favela), quadro de calouros. Esta foi a fórmula encontrada pelo professor Nelson Ramos, que trabalha há sete anos na escola, para manter o interesse de turmas heterogêneas de até 80 alunos durante hora e meia. Mesmo antes do vídeo-teipe as aulas malucas do professor Ramos eram as recordistas de frequência.

Favela criativa

A partir do VT, Ramos conseguiu ativar a segunda fase do seu Projeto Auditório, iniciada em março deste ano, que é justamente promover uma integração de todas as disciplinas nas aulas de educação artística. Assim, as tarefas da gincana, por exemplo, envolvem conhecimentos de ciências, história, geografia, matemática ou português. A discussão sobre sexualidade foi consequência do espaço aberto que os estudantes encontraram na escola. "Quando eles passaram a se ver na televisão, a

realidade ficou mais presente. Atrás das câmeras eles ganham autonomia para fazer na rua indagações que não teriam coragem de fazer aos professores ou aos próprios pais — observa Ramos, apaixonado pelos resultados do trabalho.

A Vila Paranoá, uma invasão plantada nos terrenos do rico Lago Norte, vizinha incômoda da área reservada às mansões, tem 30 mil habitantes, que lutam, principalmente, pela posse da área ocupada. Das mais antigas invasões do DF, a origem da vila foi a ocupação dos barracos abandonados pelo governo no final da formação do Lago Paranoá. Dos idos de 60 para cá, a vila inchou de barracos e de gente. E os moradores lutam contra a lama, a poeira, a falta de esgotos. Disputam diariamente uma lata d'água fornecida por três chafarizes, constantemente cercados por filas quilométricas, ou encaram com revoltada paciência filas de até duas horas para fazer uma ligação telefônica no único orelhão do local.

Estas dificuldades são registradas pelos videoteipes dos alunos do Colégio 01, levados, como reportagens, aos programas de auditório do professor Ramos, de 2ª a 5ª-feira pelas diversas turmas de alunos, divididos segundo a série que cursam.

— O que é uma moça direita? O que é um rapaz direito? — indagam os **jornalistas** de 5ª, 6ª e 7ª séries, moradores da vila. As respostas a estas indagações servirão como material básico para as discussões sobre reprodução humana, gravidez, aborto, virgindade. Temas difíceis para professores e alunos que, por iniciativa dos próprios estudantes, poderão ser decodificados de forma compatível para adolescentes.

A Fundação Cultural do DF, partindo destas experiências, tenta buscar um caminho para discutir a sexualidade dentro da escola, num trabalho que envolverá professores, diretores de escola, médicos, biólogos e enfermeiros. Este mês, em convênio com o Ministério da Saúde, a Fundação começará a treinar orientadores educacionais e normalistas para ampliar a proposta de trabalho didático que partiu dos alunos.

No Paranoá, o registro desta experiência será feito pelos próprios estudantes com o material de VT fornecido pela Fundação.

— Não queremos discutir com os estudantes a sexualidade só do ponto de vista biológico. Estamos tentando abrir caminho para discuti-la do ponto de vista social. Está dando certo — garante Everardo Carvalho.

Brasília — Foto de Wilson Pedrosa



O professor Nelson (D) orienta o trabalho em vídeo-teipe